

Educação: um desafio a descobrir

Paulo Buchsbaum

(Set/2011, com breve revisão em Jul/2015)

Apesar de existirem muitas correntes alternativas, representadas por pedagogos como Piaget e Montessori, o ensino moderno predominante é basicamente uma releitura das ideias iluministas, que nasceram na Europa a partir do século XVIII. Sem querer entrar no mérito mais profundo do conceito, o Iluminismo ajudou a disseminar o culto à razão e ao conhecimento.

Grande parte do chamado ensino moderno valoriza a formação de adultos com uma ampla "cultura geral", mas está profundamente deslocado da realidade da vida. Essa expressão denota na prática não mais do que a transmissão para os estudantes de um vasto conteúdo em matérias específicas como História, Geografia, Química, Biologia etc.

Essa cultura geral faria parte da chamada "formação integral" do aluno, que incluiria diversas outras facetas. O problema é que ter conhecimento geral nunca representou uma quantidade tão grande de informações factuais, como nos dias atuais. Desse modo fica difícil, mesmo para o melhor professor, conciliar o currículo atual com boas práticas de ensino.

Isso inclui todas as disciplinas ensinadas: o retículo endoplasmático rugoso da Biologia; a primeira missa de Henrique de Coimbra em 26 de abril de 1500 da História; os afluentes do Rio Amazonas na Geografia; as orações subordinadas adjetivas restritivas do Português; a tabela periódica dos elementos da Química etc.

Muitas das "boas" escolas exibem textos de apresentação a respeito de suas filosofias de ensino, que são bem escritos e contém propostas envolventes, o que costuma impressionar os pais que os leem. No entanto, na prática, a maior parte do tempo acaba mesmo sendo dedicado à interminável transmissão e cobrança de conhecimentos predominantemente factuais.

A grande maioria dessas informações termina por ter pouca serventia, ao acumular fatos totalmente desvinculados da vida prática. Esse divórcio é um dos fatores que contribuem, junto com a falta de qualquer elemento de estímulo, para fomentar uma profunda desmotivação das crianças e adolescentes pela escola.

Além disso, os professores, em sua maioria, abusam da autoridade ou não sabem como empregá-la de forma adequada. No extremo, há ainda muitos professores que se colocam como autoridades máximas e incontestáveis, se posicionam como a fonte do saber, da verdade e decidem sem contestações o que pode ser feito ou não, mesmo que não haja qualquer lógica. O que poderia ser uma interação passa a ser um monólogo persistente.

As pesquisas nesse campo ainda são esparsas, Fabia Cabral(2004) organizou uma pesquisa onde 74% dos alunos enxergam um problema na relação de autoridade entre professor e aluno. Paulo Freire (2000) preconiza que a autoridade se manifeste pela competência e não pelo autoritarismo.

Alguns leitores podem contestar essa visão, dizendo que as escolas tradicionais de excelência se saem muito bem nos vestibulares, mas deve-se ressaltar que os vestibulares comparam o desempenho das pessoas de forma relativa. A filosofia da maioria dos vestibulares não é muito distante do factual.

Muitas das chamadas escolas progressistas, não conseguem na prática implementar seus princípios nobres. Algumas das escolas rotuladas como construtivistas constrangeriam Piaget com o uso vão do seu nome. Por vezes, essas escolas têm ideais louváveis, detalhados nas brochuras, folhetos e apresentações, mas, na prática, não vão muito além de dar mais liberdade para o aluno, porém mantendo-o igualmente desmotivado, com um ensino medíocre, uma cobrança quase inexistente, calcada numa complacência generalizada.

Em relação às escolas construtivistas, Massabni (2004) mostra o descompasso entre o construtivismo na teoria e na prática, a partir de uma análise retrospectiva e uma pesquisa feita com os próprios professores. Além disso, há um conflito entre o currículo oficial das matérias obrigatórias e as filosofias mais adiantadas de ensino.

As crianças ficam na escola basicamente por causa dos pais, dos amigos da turma e a questão abstrata da preparação para o futuro. Quando se examina desabafos de dezenas de adolescentes nos aplicativos de mensagem e nas redes sociais, fica-se com a consciência lancinante do profundo desinteresse e tédio pela escola e pelos professores.

A consequência disso é que a maioria das pessoas termina despreparada para a vida e para o trabalho. Quem, através da genética, da formação e do conjunto de vivências, consegue se libertar um pouco dessa força niveladora termina por se realçar perante os demais e ocupar posições de destaque.

Daniel Goleman (1997) foi o pioneiro em mostrar a correlação relativamente alta entre a chamada inteligência emocional e o sucesso profissional. Adauto Jesus Jr. (2007) fez uma pesquisa que mostra que a correlação entre o QI e a inteligência emocional é relativamente baixa. Ulric Neisser (1995) indica que há uma correlação relativamente alta entre QI e notas escolares.

Independente da controvérsia sobre a relação entre o QI e a inteligência, estudos sobre o aumento do QI com a escolaridade são muito controvertidos, porque uma pessoa mais inteligente tende a ficar mais anos na escola, assim é difícil separar a correlação da causalidade. Jan-Eric Gustafsson (2001) fez uma pesquisa na Suécia, além de um levantamento retrospectivo dos mais importantes trabalhos anteriores. Esse artigo conclui mostrando algum aumento de QI associado à escola, porém restrita a programas acadêmicos vocacionais, especialmente na área tecnológica.

As escolas, em sua maioria, dão pouco ou nenhum estímulo à prática de empreendedorismo, uma das molas mestras do desenvolvimento econômico de uma sociedade. A maioria dos empreendedores não pode, de fato, citar a escola como uma de suas fontes inspiradoras. A filosofia da escola simplesmente não se coaduna com a chama do empreendedorismo, que exige criatividade, iniciativa, relacionamentos, flexibilidade, improviso etc. Algumas escolas de ponta até enfatizam o empreendedorismo, mas é preciso entender que esse enfoque deveria ir muito além da passagem de um determinado conteúdo.

A Internet, de certo modo, só está contribuindo para piorar esse quadro. Ela se tornou um competidor voraz pelo tempo dos adolescentes, através do uso das redes sociais e dos aplicativos de mensagem instantânea. Se de um lado isso estimula a ampliação dos relacionamentos reais, através dos círculos virtuais, por outro também contribui para se perder horas e horas em relações superficiais e virtuais, movidas a abreviaturas, desabafos rasos e meras cópias. Muitos jovens se esvaem pelas madrugadas, para depois chegar insones à escola.

Além disso, ainda que a Internet contenha uma vastidão de informações de confiabilidade variável, ela termina como uma grande central de cola eletrônica para trabalhos escolares, fato que só pode ser detectado por professores muito motivados.

Quando um recém-formado entra no mercado de trabalho constata que a vasta maioria dos fatos e decorebas do tempo do ensino básico não servirá para quase nada. No entanto, os profissionais serão exigidos em aspectos em que a escola pouco contribuiu: debates, criatividade, ousadia, iniciativa, relacionamentos, negociação, flexibilidade, capacidade crítica, poder de síntese, poder de análise e muitos outros requisitos.

Tudo se passa como se fossem mundos distintos. Isso acontece até mesmo em uma universidade que teoricamente se propõe a especializar um indivíduo em uma área ligada a um segmento do mercado de trabalho. No entanto, para a maioria dos profissionais, especialmente ligados às áreas não científicas, o fosso entre o curso de graduação e a prática corporativa não poderia ser maior.

Tome, por exemplo, um curso tradicional de Administração. Muita daquela teoria ensinada, as dezenas de disciplinas, provas, testes e trabalhos; ficam enterrados e esquecidos quando o formando se depara com uma empresa de verdade.

As disciplinas ensinam jargões, lugares-comuns, dogmas, uma contextualização histórica embolorada e muitas simplificações irrealistas. Tenta-se reduzir o mundo corporativo a poucos casos, através de classificações esquemáticas e incapazes de expressar a natureza multifacetada do mundo real.

Se tudo que foi colocado acima é pertinente, por que pouco está mudando no mundo inteiro? É muito difícil parar uma manada de elefantes em marcha, da mesma forma que o mundo assiste quase inerte à escalada do Aquecimento Global.

A sensação para todos é que sempre foi assim e assim que as coisas são hoje e sempre serão. Poucos conseguem visualizar o mundo de outra maneira, como se fôssemos peixes em um aquário tentando entender a natureza do ar. Os próprios professores e acadêmicos ficam muito apegados ao seu *status quo*, que, afinal, fazem deles as autoridades vigentes e incontestes no meio acadêmico.

A maioria dos professores teria muita dificuldade de se adaptar a uma metodologia nova, que os forcem sair do seu pedestal de autoridade falante que despeja toneladas de conteúdo, para assumir uma postura mais participativa, aberta, criativa e desafiante. O problema é que, em geral, a própria formação dos atuais professores não os capacita para exercer o ensino dentro desse novo paradigma.

O que se pode propor, dentro de uma visão quase utópica, dentro do campo da Educação? É óbvio que fazer espaço para novos horizontes exige que se abra mão de boa parte do conteúdo presente nos currículos atuais. Portanto, é preciso haver uma renovação e reciclagem muito grande no corpo docente. Esse é um processo que pode levar uma geração inteira para acontecer.

Para exemplificar o que queremos dizer, vamos tomar como exemplo o ensino de História. Como se deveria ensinar História?

No meu modo de pensar, deveria se transmitir, ao longo do tempo, conceitos, sem serem acompanhados de grandes coleções de datas, nomes e fatos. Pode-se discorrer sobre a Idade da Pedra, as ferramentas, o nomadismo, o nascimento da agricultura, a criação das cidades, a formação das classes sociais, o nascimento da escrita, os grandes impérios, feudalismo, mercantilismo, objetivos e causas das navegações, colonialismo, revolução industrial, as duas grandes guerras, a guerra fria, a queda do muro de Berlim, etc. (Paulo, isso tudo pode estar acontecendo sem que estejamos sabendo. Além de sua vivência, tem outras formas de comprovar o que afirma acima? Digo isso porque pode soar apenas como subjetividade – tem seu valor, claro, mas é fraco para repercutir)

A História deveria ser vista com um tecido de agentes, causas, efeitos e consequências, uma derivação da evolução do "Homo Sapiens" como espécie, uma teia que é formada com a Sociologia pelo coletivo e a Psicologia pelo Indivíduo. A boa História ajuda a entender o mundo moderno, suas virtudes e vicissitudes: Suas guerras, a fome, a desigualdade social, a degradação do meio-ambiente etc. Através da análise dos nossos erros e acertos do passado, podemos trabalhar para melhorar nosso futuro. Isso vale tanto para indivíduos como para nosso planeta.

Quando se examina os livros didáticos de História, observa-se que eles, em geral, até abordam os temas citados acima, mas entremeados de muitos detalhes que acabam embaçando a visão mais geral. Maria Stephanou (1998) traz uma visão pessimista do ensino da História no Brasil, ressaltando a preponderância do enfoque factual. Já Carlos Mathias(2011) destaca a evolução do ensino da História para torná-la mais abrangente, multirracial e multifacetada, porém ainda repleta de fatos e datas.

Na prática, o ensino da História ainda entra em muitos detalhes supérfluos (após 43 dias de viagens, Pedro Álvares Cabral avistou o Monte Pascoal), nomes (Diogo Dias, Afonso de

Paiva, Vasco da Gama, Bartolomeu Dias) e datas (em 1488, Bartolomeu Dias dobrou o cabo da Boa Esperança e em 1494 foi assinado o tratado de Tordesilhas).

Por melhor que seja o professor, ele fica compelido a seguir o currículo oficial, determinado pelo governo federal. Mesmo bons professores que dão os fatos, com todo o embasamento por trás deles, acabam, mesmo assim, não sendo tão bem-sucedidos, porque o excesso de detalhes acaba por contribuir para abafar o interesse por parte dos alunos.

A instrumentalização deste tipo de ensino transformaria um processo que hoje é apenas a transmissão de uma ementa em uma roteirização de atividades. Envolve pesquisas, discussões, debates, dramatizações, maquetes, recursos multimídias, Informática, objetos, fotografias, visitas externas, atividades comunitárias etc. A experimentação e a vivência favoreceriam muito a internalização e a motivação do aluno em relação à História, assim como em qualquer outra disciplina.

O resultado final é que os estudantes teriam, a despeito de um conteúdo menor, um interesse muito maior em tudo que se refere à matéria dada, seja lá qual for. Alguns deles iriam espontaneamente ler ou pesquisar na Internet ou nos livros, a partir das referências dos professores ("para saber mais ...") sobre um aspecto que lhes despertasse interesse.

Em um filme de 1985, "Academia de Gênios" (*Real Genious*) há uma cena antológica que resume a essência do ensino tradicional. É uma colagem embalada por uma trilha sonora que inicia com um aluno mandando um gravador para a sala de aula em seu lugar, depois outros alunos o copiam. Um dia, o professor chega à sala e só vê gravadores. No dia seguinte, ele manda um gravador no lugar dele, que dá aula para todos os alunos-gravadores.

Por outro lado, existe um filme inspirador de 2005, chamado "Escola da Vida" com Ryan Reynolds, que mostra, ainda que de forma meio caricata, como poderia funcionar o tipo de ensino proposto nesse artigo.

Questionamos aqui o conteúdo das matérias que atualmente constam do currículo mínimo de uma escola e a forma como elas são dadas. No entanto, as matérias tradicionais, por melhores que sejam ensinadas, omitem muitos aspectos extremamente relevantes, que ajude cada um a ter uma vida melhor, mais feliz, em um mundo cada vez melhor, onde todos possam dar sua contribuição efetiva para isso.

Além das extensões naturais nos campos das artes (música, teatro, etc.), acredito que as escolas também deveriam transmitir conteúdos para os estudantes ajudando-os a entender melhor quem eles são; como os relacionamentos entre as pessoas acontecem e quais seus mecanismos; como funciona o mundo em que vivemos e, finalmente, o que se pode fazer nele. Isso tudo envolve a transmissão de noções gerais e não formalizadas de Filosofia, Psicologia, Sociologia, Economia, Política, Administração e Ecologia.

Em relação à parte de Administração, por exemplo, é importante que o aluno termine o ensino fundamental com noções de empreendedorismo, de como funcionam as empresas e quais as principais profissões.

Penso, em geral, que a grande missão do ensino, além de preparar os estudantes para a vida e para a coletividade, deveria também acender o brilho nos olhos de cada criança diante da maravilha que é a extensão do conhecimento humano, quando despida dos detalhes desnecessários. Aquele entusiasmo que nos traz a lembrança de Leonardo Da Vinci, quando ele mergulhava nos mais diferentes mistérios na Natureza e do homem, numa época que o conhecimento não era ainda tão extenso.

Em um mundo global, percolado pela Internet, o que as pessoas precisam é ter interesse, curiosidade, e desenvolver o talento muito útil de aprender a aprender. Já os relacionamentos, sejam virtuais ou reais, levam ao chamado conhecimento de rede, onde o conhecimento de uma pessoa é complementado pelo conhecimento do seu círculo de relações.

Numa empresa pode ser muito mais interessante contratar um *trainée*, ainda que tenha menos conhecimento cristalizado, mas que mostre um intenso brilho nos olhos, repleto de

vivacidade e presença; imbuído de uma marcada iniciativa e propensão para explorar novos caminhos, com generosas quantidades de criatividade, iniciativa e flexibilidade.

Por outro lado, um aluno padrão, burocrático, nota 10, que vislumbra o emprego como uma possibilidade apenas de ele ascender socialmente, mas que não demonstre um genuíno espírito do eterno aprendiz, pode ter, de fato, um potencial muito menor.

Os conceitos expressos aqui não pertencem a nenhuma corrente específica de ensino. Não há, no entanto, a pretensão que essas poucas páginas expressem uma filosofia de ensino completa, embora alguns elementos citados são referenciados em modelos como Waldorf (até 2011 adotada por 998 escolas em 60 países), Educação Holística e Educação Humanística.

A insatisfação com a escola tradicional de uma parcela de norte-americanos, geralmente de um extrato social mais elevado, fez com que o montante de alunos que estude em casa (*homeschooling*) em 2011 ultrapassasse 1,3 milhões de estudantes. Cumpre ressaltar que a educação em casa segue filosofias as mais diversas, apresentando resultados variados, além de privar a criança do contato constante com seus pares.

Por outro lado, a Finlândia está entre os países com ensino mais bem avaliado do mundo. Apesar de adotarem basicamente o sistema convencional, há algumas diferenças interessantes em relação aos Estados Unidos: As crianças entram mais tarde na escola após um verdadeiro período pré-escolar, as turmas são pequenas, a carreira de professor é especialmente valorizada, há pouco trabalho de casa, as atividades extracurriculares são estimuladas, o sistema de notas é menos rígido, o ambiente de ensino é mais informal e relaxado, há uma maior cultura participativa, a leitura é muito estimulada, a competição desestimulada, o currículo se molda mais a vocação dos estudantes e, finalmente, o currículo inclui tópicos que ressaltam habilidades.

De fato, não acredito que o Brasil ou qualquer país venha a adotar em um futuro próximo as ideias contidas nesse artigo. Então, qual o sentido prático das palavras proferidas aqui, além da questão filosófica em si?

Os pais, na hora de escolher um colégio para seu filho, deveriam pesar os conceitos acima e escolher uma escola menos massacrante para seus filhos, com uma filosofia mais humanista, expressa por incluir na sua grade matérias ligada à arte ou filosofia, que priorize trabalhos de pesquisa em grupo e que, finalmente, não inunde tanto o aluno com deveres de casa repetitivos.

A postura de tentar escolher um colégio bom, mas não necessariamente de "ponta", também possibilita a existência de um tempo razoável para atividades extracurriculares e para que o jovem possa cultivar uma vida social saudável, o que é muito importante a felicidade da criança ou adolescente e para a formação de um adulto mais completo.

Nada mais deprimente do que ver um jovem angustiado, sem tempo para nada e, em certos casos, com autoestima baixa. Não custa lembrar que alunos com alto desempenho escolar muitas vezes não são os mais bem-sucedidos na vida adulta.

Uma escola depende muito da qualidade seu corpo docente. Professores que privilegiam a decoreba, a aula maçante e a rigidez costumam produzir alunos que odeiam a matéria lecionada correspondente, o que pode até ter implicações futuras na escolha de uma carreira.

Deve-se tomar muito cuidado com os chamados colégios alternativos, já citados acima. Alguns deles não vão muito além do clichê e implantam o chamado pacto de mediocridade: "nós fingimos que ensinamos e vocês fingem que aprendem."

Judith Harris (2008), apoiada pelo cientista da Harvard, Steven Pinker, levanta a tese, ainda muito controversa, que a maior influência na formação da personalidade da criança, depois da genética, se dá partir da influência de seus pares. A teoria dela é largamente amparada por uma ampla metapesquisa (compilação e reanálise de todas as pesquisas anteriores) e uma teia de argumentações bastante convincentes. Ela diz que a maneira que a criança é ensinada a agir em casa não funciona muito fora dela e vice-versa. Portanto, segundo

ela, a criança cria inconscientemente mecanismos de adaptação, onde ela comuta suas atitudes conforme o ambiente onde ela está inserida.

Partindo dessa visão, a escolha de um colégio, além da questão didática em si, exerce muita influência sobre as pessoas que as crianças irão se relacionar. Um colégio termina então por ser muito dependente da cultura e filosofia média dos pais dos alunos que estão nele, porque isso tende a forjar uma cultura dominante entre os colegas. Portanto, quando se escolhe uma escola para seus filhos é preciso sempre se questionar sobre esse ponto.

Além disso, a qualidade do ensino depende não apenas da escola em si, mas também da qualidade dos alunos que a frequentam. Muitos alunos fracos prejudicam as aulas ao terminar, muitas vezes, por arrastar o nível das aulas para baixo.

Vale procurar ler avaliações sobre as escolas na Internet e na mídia impressa, conversar com alunos, ex-alunos, pais de alunos para tentar ir além do material propagandístico e dos "orientadores pedagógicos", que apresentam a escola aos interessados.

O ENEM hoje, depois de uma breve melhora, voltou a se tornar um vestibular no sentido convencional. Trata-se de uma prova altamente conteudista, separada em dois dias, 10 horas, 180 questões e mais a redação, cobrando toda a ementa do segundo grau de forma bem detalhada. Trata-se de uma maratona que fica muito longe de medir a real capacidade do aluno de cursar um bom terceiro grau.

Essa digressão se encerra com duas frases famosas de Albert Einstein, que sabemos não ter tido um grande desempenho na escola: "Educação é o que resta depois de ter esquecido tudo o que se aprendeu na escola" e "É um milagre que a curiosidade sobreviva à educação formal".

Bibliografia

BEAN, John C. *Engaging Ideas: The Professor's Guide to Integrating Writing, Critical Thinking, and Active Learning in the Classroom*; 2 ed. San Francisco: Jossey-Bass, 2011, 384 p.

BREARLEY, Molly; HITCHFIELD, Elizabeth. *Guia Prático para Entender Piaget*. São Paulo: Ibrasa, 1976, 205 p.

CABRAL, Fabia M. et alli. "Dificuldades no Relacionamento Professor /Aluno: Um Desafio A Superar" *Paidéia* vol.14 no.29 Sept./Dec. 2004

DEWEY, John. *Experience and Education* New York: Free Press, 1997

FREIRE, Paulo *Pedagogia da indignação – cartas pedagógicas e outros escritos*. 1ª. ed São Paulo: UNESP, 134 p.

GADOTTI, Moacir. *História das Idéias Pedagógicas*. 7ª. ed. São Paulo: Ática, 2000, 319 p.

GAMERMAN, Ellen "What Makes Finnish Kids So Smart?" *wsj.com*. Feb-29, 2008

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. 5. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. 378 p.

GUSTAFSSON, Jan-Eric. "Schooling and intelligence: Effects of track of study on level and profile of cognitive abilities" *International Education Journal* Vol 2, No 4, 2001

HARRIS, Judith. *The nurture assumption*. Rev. ed. New York: Free Press, 2008. 448 p.

HOLT, John, *Instead of Education: Ways to Help People do Things Better*. 2ª. Ed, Boulder, CA: Sentient Publications, 2003, 250 p.

JESUS JR., Adauto G.; NORONHA, Ana P. "Inteligência emocional e provas de raciocínio: um estudo correlacional". *Psicol. Reflex. Crit.* vol.20 no.3, 2007

MASSABNI, V. G.; CHAKUR, C. R. S. L.; SILVA, R. C. "O construtivismo no ensino fundamental: um caso de desconstrução" 27ª Reunião Anual da ANPED, 2004

MATHIAS, Carlos L. "O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica" *História Unisinos* V. 15, N. 1, 2011

NEISSER, Ulric et alli. "Intelligence: Knowns and Unknowns" *American Psychologist*, Feb 1996

STEPHANOU, Maria. "Instaurando Maneiras de Ser, Conhecer e Interpretar" *Revista Brasileira de História* vol. 18 n. 36 São Paulo, 1998

ZEIZSE, Ann. *Number of Homeschoolers in the USA*, <http://homeschooling.gomilpitas.com>, 2011